

“Smart-money” representa 40% das captações

Fernando Dantas
de Brasília

O “smart-money”, dinheiro especulativo que entra no País para lucrar com as altas taxas de juros internas, corresponde no momento a 35 a 40% dos recursos que estão ingressando no Brasil. A informação é de Maria do Socorro Costa de Carvalho, chefe do Departamento de Reservas Internacionais do Banco Central (BC). O restante dos ingressos, que responde pela maior parte do fluxo, é basicamente portfólio (ações) e investimento direto, ela acrescentou, com alguma coisa de bônus e notas.

Socorro classificou como “bastante próximas” as estimativas de mercado que apontam um crescimento de US\$ 4 bilhões nas reservas internacionais em fevereiro, levando o total para algo entre US\$ 57 e US\$ 58 bilhões. Ela evitou, porém, as comemorações: “Vamos esperar para ver se esta tendência se consolida, o que depende de como as reformas se moverem”.

Ela lembrou que o governo obteve importantes vitórias na tramitação das reformas durante a convocação extraordinária do Congresso, e que a situação no Japão e na Coreia melhorou. Estes são fatores que podem ter influído positivamente nas expectativas do mercado. No lado negativo da balança, Socorro observou que “a situação da Indonésia ainda é preocupante”.

A chefe do Departamento de Reservas do BC espera que as expectativas do mercado internacional em relação ao Brasil continuem melhorando. Se isto acontecer, ela continuou, a proporção do “smart-money” no fluxo de capitais para o Brasil tenderá a diminuir.

Socorro disse que o Banco Central ainda está estudando se prolongará, ou não, o período pelo qual as captações externas em bônus e notas podem ser feitas por prazo mínimo de seis meses (no caso de renovações) ou um ano (novas emissões). Ela não quis comentar se a tendência do BC é a de ampliar ou não o período em que as captações têm a vantagem do prazo mínimo reduzido. ■